

Suicídio na mídia: uma cartografia do suicídio de Jéssica Canedo a partir de normas de cobertura responsável

Suicide in the media: a cartography of Jéssica Canedo's suicide based on responsible coverage standards

El suicidio en los medios de comunicación: una cartografía del suicidio de Jéssica Canedo basada en normas de cobertura responsable

José Tarcísio da Silva Oliveira Filho^{1,a}
jtarcisiofilho@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5006-9511>

Débora Antunes^{2,b}
debora.antunes@eshcc.eur.nl | <https://orcid.org/0000-0001-5473-987X>

¹ Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Boa Vista, RR, Brasil.

² Erasmus University Rotterdam, Department of Media and Communication. Rotterdam, Holanda.

^a Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

^b Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia.

RESUMO

A pesquisa recorre ao método cartográfico de Rosário e Coca para refletir sobre o suicídio nos campos midiático e jornalístico. Para isso, analisa a responsabilidade midiática e a construção do suicídio pelo jornalismo no caso Jéssica Canedo, uma jovem de 22 anos que se matou após publicação de uma conversa falsa com o humorista Whindersson Nunes. O conteúdo foi amplamente divulgado por perfis em sites de redes sociais, entre elas o Choquei, no Instagram. Foram selecionadas 51 matérias jornalísticas, de nove jornais, que noticiaram o caso. Elas foram analisadas por meio de um quadro com orientações de instituições de Saúde e de empresas de mídia para a cobertura responsável do suicídio, além da análise de discurso. A pesquisa demonstrou que o jornalismo mantém uma cobertura deficiente sobre o acontecimento e que o amplo acesso às plataformas de redes sociais traz novas preocupações no que tange à responsabilidade midiática.

Palavras-chave: Suicídio; Jornalismo; Jéssica Canedo; Responsabilidade Midiática; Brasil.

ABSTRACT

The research uses Rosário and Coca's cartographic method to reflect on the coverage of suicide in media and among journalists. To do so, the paper analyses media responsibility and how the press constructed the suicide of Jéssica Canedo, a 22-year-old girl who killed herself after fake conversations between herself and the humorist Whindersson Nunes were published. The content was widely disseminated on social media profiles, among them, Choquei, on Instagram. To conduct the analysis, 51 news pieces from 9 Brazilian newspapers were selected. Subsequently, they were analyzed using a framework based on guidelines from health institutions and media companies for responsible coverage of suicide, as well as through discourse analysis. The findings show poor journalistic coverage of the event and how the far-reaching potential of social media brings new concerns to the field of media responsibility.

Keywords: Suicide; Journalism; Jéssica Canedo; Media Responsibility; Brazil.

RESUMÉN

La investigación utiliza el método cartográfico de Rosário y Coca reflexionar sobre el suicidio en los medios y el periodismo. Así, analiza la responsabilidad mediática y la construcción del suicidio por parte del periodismo en el suicidio de Jéssica Canedo, una joven de 22 años que se suicidó tras verse involucrada en una conversación falsa con el comediante Whindersson Nunes. El contenido fue ampliamente difundido en los perfiles de las plataformas de redes sociales, incluido Choquei, en Instagram. Se seleccionaron 51 artículos periodísticos, de nueve diarios, que informaron sobre el caso. Fueron analizados mediante una tabla con directrices de instituciones de Salud y medios de comunicación para la cobertura responsable del suicidio, además de análisis del discurso. La investigación demostró que el periodismo mantiene una cobertura deficiente del evento y que el amplio acceso a las plataformas de redes sociales trae preocupaciones sobre la responsabilidad de los medios.

Palabras clave: Suicidio; Periodismo; Jéssica Canedo; Responsabilidad de los Medios; Bras

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção ou desenho do estudo: José Tarcísio Oliveira Filho.

Coleta de dados: Débora Antunes e José Tarcísio Oliveira Filho.

Análise de dados: Débora Antunes e José Tarcísio Oliveira Filho.

Interpretação dos dados: Débora Antunes.

Todos os autores são responsáveis pela redação e revisão crítica do conteúdo intelectual do texto, pela versão final publicada e por todos os aspectos legais e científicos relacionados à exatidão e à integridade do estudo.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 20 fev. 2024 | aceito: 27 maio 2024 | publicado: 30 set. 2024.

Apresentação anterior: não há.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio é responsável pela morte anual de cerca de 700 mil pessoas no mundo. Um dado relevante à sociedade brasileira é que mais de 77% dos suicídios globais ocorreram em países de baixa e média renda, sendo a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em 2019 (Suicide, 2023). Quando atrelados ao campo da Comunicação, os acontecimentos sociais envolvendo o suicídio se mostram complexos enquanto configurados como evento midiático/jornalístico. Isso ocorre pelo fato de o suicídio não se resumir a um ato, mas, frequentemente, perpassar pelas vivências e experiências do sujeito, englobando aspectos socioculturais, como questões regionais, econômicas, raciais, de sexualidade, gênero, etárias, traumas, perdas e o próprio preconceito em relação às doenças mentais (Braga; Dell'aglio, 2013; Oliveira; Botega, 2006). Além disso, a ética midiática considera o suicídio de difícil abordagem.

Tendo em vista a importância do jornalismo e da mídia na construção do suicídio, propomos uma análise cartográfica (Rosário; Coca, 2018) do caso Jéssica Canedo, uma brasileira de 22 anos que morreu por suicídio após a veiculação de conteúdo falso¹ envolvendo seu nome nas redes sociais por perfis de alto engajamento, entre eles a popular Choquei². Seu proprietário, Raphael Souza, é investigado pela Polícia Civil de Minas Gerais por suspeita de indução ao suicídio depois de divulgar falsos diálogos entre Jéssica e o humorista Whindersson Nunes (Ferreira, 2023; Scardoelli, 2023). O estudo cartográfico do acontecimento adiciona uma nova camada às discussões sobre suicídio, pois há também a responsabilidade midiática não só em construir o suicídio, como também em incitá-lo. Nosso foco se divide entre entender, através da análise de 51 notícias, como o caso foi divulgado, como o suicídio foi construído e como a responsabilidade midiática é discutida.

Em termos de responsabilidade midiática, em um primeiro momento, vemos que há preparo limitado para futuros comunicadores sobre a temática do suicídio. Em uma análise documental (Moreira, 2005) envolvendo os Projetos Pedagógicos de 26 Cursos de Jornalismo ofertados por universidades públicas de capitais brasileiras, constatou-se que em nenhum as palavras suicídio, autoextermínio ou morte voluntária aparecem nas ementas ou nas referências básicas dos componentes curriculares – mostrando que os estudantes de Jornalismo não são capacitados para lidar com a cobertura desses acontecimentos. Por outro lado, é comum a presença de disciplinas voltadas à crítica de mídia, ética jornalística, tópicos especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura e optativas com ementas abertas, que podem refletir acerca da cobertura jornalística sobre o suicídio.

Cabe ressaltar que tais documentos são formulados, em geral, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em jornalismo que, apesar de não especificar o desenvolvimento de habilidades para lidar com os acontecimentos ligados ao suicídio, menciona que os processos envolvendo a recepção de mensagens jornalísticas e os seus impactos sobre a sociedade são competências comportamentais necessárias para serem adquiridas no percurso formativo (Diretrizes, 2013). Diante da lacuna nos Projetos Pedagógicos de Curso, deduz-se que as premissas e orientações éticas para o tratamento do assunto são frequentemente restritas às políticas editoriais e códigos de conduta dos veículos de comunicação.

¹ Em março de 2024, a Polícia Civil de Minas Gerais, responsável pela investigação, concluiu que a própria Jéssica teria produzido e compartilhado o conteúdo falso (Reis; Ferreira, 2024). Apesar desse desdobramento, o acontecimento permite uma análise crítica sobre as condutas da mídia e do jornalismo diante do caso, já que, entre outros fatores, no período que compreende a análise deste trabalho, ainda não havia tal posicionamento da Polícia.

² A Choquei não foi o primeiro perfil a divulgar as falsas informações. Scardoelli (2023) afirma que a primeira página a divulgar os prints foi a Garoto do Blog. Outros perfis com quantidades expressivas de usuários também replicaram o conteúdo, como o Alfinetadas dos Famosos, que possuía 23,2 milhões de seguidores no Instagram em janeiro de 2024. Na mesma época, a Choquei contava com pouco mais de 20 milhões de seguidores.

Para refletir sobre a cobertura midiática do caso, este artigo organiza-se em quatro seções que seguem os movimentos cartográficos previstos por Deleuze e Guatarri (1995) e Rosário e Coca (2018): uma primeira voltada aos pressupostos metodológicos; a segunda, que considera a etapa do rastreio, investigando os sentidos da morte e do suicídio pela imprensa; a terceira, ou o toque, que recorre aos manuais de jornalismo e às normas internacionais para identificar códigos de conduta para cobertura do suicídio, diante da lacuna de abordagem nos cursos de Jornalismo; e a quarta, voltada aos pousos na empiria e ao reconhecimento atento da materialidade investigada, envolvendo as 51 matérias de nove jornais brasileiros que noticiaram o caso Jéssica Canedo.

PENSANDO O DEVIR: REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA

O trabalho utiliza-se da perspectiva cartográfica (Deleuze; Guatarri, 1995) com uma releitura voltada aos estudos da Comunicação (Rosário; Coca, 2018). Dois aspectos justificam a adoção da cartografia: o primeiro é a premissa de que a pesquisa cartográfica não avalia objetos rígidos, imóveis e dados; mas, sim, acompanha processos que estão em desenvolvimento. Segundo Barros e Kastrup (2020), reconhece-se a indissolubilidade entre o pesquisador (que acompanha e constrói o processo) e o objeto-processo de investigação, tomando a processualidade como ato de produção de subjetividades que, de certa forma, também afeta o pesquisador. O segundo aspecto relaciona-se às vivências dos autores em relação ao processo investigado tanto em sala de aula, por meio da inserção de reflexões sobre o assunto, quanto na prática profissional – enquanto repórteres, era comum ouvir sobre a política editorial da empresa jornalística de não cobrir suicídios, com o intuito de evitar novas ocorrências, ou seja, o chamado efeito contágio ou imitação (Abreu, 2021; Preventing, 2023).

Para a produção e análise de dados, utilizamos os quatro movimentos propostos por Rosário e Coca (2018): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O **rastreio** consiste no conhecimento sobre o fenômeno a ser investigado, incluindo os afetos que podem surgir. Nesta pesquisa, além do reconhecimento da experiência empírica dos pesquisadores, conforme relatado anteriormente, também é feita uma reflexão teórica sobre a temática. O **toque** ocorre quando se verifica a necessidade de voltar a atenção a um ponto; trata-se de “um reflexo, um vislumbre que acontece no nível das sensações, que pode ter graus diferentes de intensidades, ritmos e sentidos, e que não deve ser desprezado, porque é nesse processo que aprimoramos a seleção e que os critérios ficam mais claros” (Rosário; Coca, 2018, p. 43). Nessas etapas, conduziremos uma pesquisa documental (Moreira, 2005), com o intuito de verificar as normas editoriais e recomendações de organizações de saúde voltadas para a cobertura midiática envolvendo o suicídio; além da pesquisa bibliográfica (Telles; Assumpção, 2022).

O **pouso** refere-se à identificação das rupturas, repetições, desvios e intensidade, o que demonstra a necessidade de focar nesses pontos com o intuito de compreender suas origens e causas. Nesta pesquisa, consiste em verificar momentos-chave da cobertura da imprensa sobre o suicídio de Jéssica. Foram definidos dois momentos de pousos, que serão detalhados posteriormente. Por fim, com referência ao pensamento de Kastrup (2007), Rosário e Coca (2018) definem o **reconhecimento atento** como sendo a ativação da atenção, quando se volta o olhar para as conexões e linhas do rizoma formado na pesquisa, realizando articulações teóricas oriundas do contato com a empiria, o que permite a produção de dados, a construção do próprio objeto de pesquisa e efetiva a cartografia em seu viés de trabalho de invenção. Nesta etapa, os dados coletados são analisados com o suporte do levantamento teórico sobre mídia e suicídio na imprensa e da análise do discurso (Machin; Mayr, 2013) focada em entender como a responsabilidade da mídia e a construção do suicídio acontecem. Com isso, observamos cinco diferentes elementos na construção do discurso: (1) significados implícitos; (2) superlexicalização; (3) supressão; (4) oposições estruturais; e (5) escolhas de léxico e gênero.

RASTREIO: O SUICÍDIO E O JORNALISMO

Abreu (2021) diz que a mídia hegemônica possui uma lacuna histórica em lidar com a morte. Ao longo das décadas, houve uma banalização da morte nos noticiários, sendo que, no último grande acontecimento mundial envolvendo óbitos, a pandemia da Covid-19, a qual tirou a vida de mais de seis milhões de pessoas (Coronavirus, 2024), as mortes se reduziram a números e tabelas com gráficos e estatísticas nos noticiários – sendo o tom humanizado e de comoção frequentemente restrito aos óbitos de celebridades e de pessoas públicas. O autor afirma que o significado da morte é cultural: se nas religiões cristãs é abordada como um rito de passagem, que envolve a tristeza, nas sociedades tradicionais, é tida também como passagem, mas para uma vida melhor, como no caso das festas populares em celebração à morte no México.

Assim, a cobertura da morte pelo jornalismo, este analisado de uma perspectiva cultural, também adquire características singulares de acordo com a sociedade. Abreu (2021) menciona que entre todos os tipos de morte – violenta ou natural – o suicídio é o que gera maior silêncio pela mídia, exceto quando envolve pessoas famosas. Entretanto, ressalta a redundância desse hábito midiático, visto que, se a OMS relata 700 mil casos anuais no mundo, “os dados oficiais põem em xeque a ideia predominante de que a omissão do registro de suicídios pela imprensa contribui para evitar sua propagação” (Abreu, 2021, p. 15). Portanto, nota-se que tanto nos campos sociais e da saúde pública, como no da Comunicação, o suicídio configura-se como um ponto crítico.

O suicídio é definido pela Associação Brasileira de Psiquiatria (2014, p. 9) como “um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal”. O chamado comportamento suicida, que merece atenção de pessoas próximas e profissionais de saúde, envolve ainda pensamentos, planejamento e a própria tentativa de suicídio.

Outro fator que permite compreender o tabu social sobre o suicídio, também incorporado pela imprensa, é o suicídio ser criminalizado em pelo menos 23 países³ (WHO, 2023). Nesses lugares, sobreviventes são frequentemente punidos – prevalecendo o aspecto punitivo em detrimento das políticas de saúde pública. Na Inglaterra, a descriminalização do suicídio só ocorreu no ano de 1961 (Guidelines, 2023), o que fez com que ao longo dos anos muitas de suas colônias também criminalizassem a prática. Há ainda o fator religioso; doutrinas, como a judaica, católica e islâmica, condenam a prática (Bertolote, 2017).

O tratamento político, religioso e cultural concedido ao suicídio reflete também na cobertura jornalística. Em um estudo sobre as construções discursivas de casos de suicídio em 25 jornais mineiros entre 1920 e 1940, Fensterseifer e Gomes (2019, p. 338) identificaram que “nas matérias analisadas o suicídio foi descrito, majoritariamente, como covardia, crime, loucura e tragédia. Neste sentido, observou-se que houve uma hegemonia de descrições com sentido pejorativo”. As autoras ainda verificaram que, naquele contexto histórico, o suicídio era associado, pelo jornalismo, ao desespero e às condutas de vida, como vícios em jogos, adultério, divórcio e alcoolismo. Sobre a construção identitária envolvendo o sujeito, notam-se duas vertentes: em vida, geralmente era descrito como infeliz, fraco, treloucado e desgraçado; na morte, julgava-se que estaria condenado e sendo castigado – numa clara relação com os valores morais da religião dominante à época. Desse modo, a cobertura sobre o suicídio era focada na dualidade acerca de sua legitimidade ou não, sendo mais comum o último caso (Fensterseifer; Gomes, 2019).

No panorama do jornalismo contemporâneo brasileiro, emergem avanços – principalmente em relação à maior independência de valores morais oriundos da religião. Entretanto, em uma pesquisa bibliográfica

³ Arábia Saudita, Bahamas, Bangladesh, Brunei, Emirados Árabes Unidos, Gâmbia, Granada, Maldivas, Jordânia, Maláui, Mianmar, Nigéria, Papua-Nova Guiné, Qatar, Quênia, Santa Lúcia, Serra Leoa, Somália, Sudão, Sudão do Sul, Tanzânia, Tonga, Uganda.

envolvendo 11 artigos científicos publicados em periódicos nacionais no período de 2018 a 2023⁴, identificou-se que é recorrente a deficiência na cobertura do suicídio. O Quadro 1 sistematiza alguns desses trabalhos.

Quadro 1 – Estudos brasileiros sobre o suicídio no jornalismo

Título do artigo	Considerações
<i>Entre o debate público e o silêncio: análise da cobertura jornalística online sobre a questão do suicídio de adolescentes e jovens negros no Brasil</i> (Monari; Bertolli Filho, 2019).	Aborda a relação entre raça e suicídio. Aponta uma cobertura mais positiva do site Nexo, mas identifica problemas de silenciamento e de prevenção nos conteúdos dos portais g1 e Alma Preta.
<i>Feminicídio seguido de suicídio: a organização da mídia na prestação de serviço para evitar casos das violências correlacionadas</i> (Lopes; Finger, 2023).	Relaciona o suicídio com o feminicídio na cobertura jornalística, evidenciando a falta de canais para denúncia e prevenção nas notícias.
<i>“Jornalismo em Debate”: a ética jornalística no caso Cancellier discutida pela Rádio Ponto UFSC</i> (Viana; Vilela, 2019).	Analisa a cobertura jornalística envolvendo o suicídio do então reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier, em 2017. Considera a cobertura problemática, infringindo aspectos éticos do jornalismo desde a apuração.
<i>13 Reasons Why: o debate sobre o suicídio à tona na mídia brasileira</i> (Bertolli Filho; Monari, 2018).	Identifica que a mídia aborda mais o suicídio nos meses de janeiro e setembro, quando há campanhas nacionais para a prevenção. Discute, ainda, como a série <i>13 Reasons Why</i> infligiu vários preceitos formulados pela OMS sobre como abordar o suicídio pela mídia.
<i>A imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema</i> (Mendes; Vianna; Felix, 2022).	Considera que o comportamento da imprensa diante do chamado efeito imitação (silenciamento dos casos) não seja a melhor forma de prevenção ao suicídio. Faz recomendações para a cobertura, como evitar o sensacionalismo e a abordagem do suicídio enquanto problema incontrolável.
<i>Evidências entre mídia e suicídio: efeito contágio das produções jornalísticas e ficcionais</i> (Ferreira; Reis, 2020).	Utilizando estudos do IPEA, aponta que a mídia pode motivar o suicídio. Defende a necessidade de criação de normas legais para produção e veiculação de mensagens que envolvem o suicídio – tanto pelo jornalismo quanto pela mídia em geral, inclusive narrativas ficcionais.
<i>Análise das notícias de suicídio na cidade de Ponta Grossa/PR no período de 2017 a 2021</i> (Hessman et al., 2023).	Ao analisar 94 notícias sobre suicídio publicadas entre 2017 e 2021 nos portais Diário dos Campos e A Rede, ambos da região de Ponta Grossa-PR, constata que não são seguidas algumas normas recomendadas pela OMS, divulgando, por exemplo, métodos e local de ocorrência. Também não relacionam os casos com aspectos da saúde mental.

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Em comum, todos os trabalhos analisados indicam uma deficiência do jornalismo na cobertura sobre o suicídio. Em alguns casos, como em Hessman et al. (2023), explica-se que o silenciamento do jornalismo sobre tais acontecimentos é uma medida para evitar o efeito contágio. Entretanto, a maior parte das pesquisas recomenda a abordagem do assunto pela mídia, porém, de maneira ética e de forma a evitar novos casos. Monari e Bertolli Filho (2019) argumentam que a própria morte é um acontecimento que constrange o ser humano e que isso afeta a cobertura sobre o suicídio. Os autores trazem à tona a abordagem do suicídio a partir de uma discussão sobre raça – o que reflete a necessidade de um olhar multifacetado e interseccional sobre o fenômeno, um aspecto também reforçado por Lopes e Finger (2023).

O estudo de Lopes e Finger (2023) permite ainda uma visada acerca dos suicídios pela noção de violências correlacionadas – quando, por exemplo, um agressor se mata após ferir ou tirar a vida da vítima. Ao inferir sobre o caso de Jéssica Canedo, podemos atrelar a desinformação direcionada a uma pessoa como violência midiática. Essa perspectiva é assegurada em leis de países latino-americanos que visam proteger a mulher, como no Uruguai, que tipifica e condena a violência midiática; e na Argentina, que aborda a violência

⁴ A pesquisa bibliográfica, conforme proposta por Telles e Assumpção (2022), foi realizada nos portais Google Acadêmico, Periódico Capes e nos portais de duas revistas científicas brasileiras voltadas para o jornalismo, a *Brazilian Journalism Research* e a *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Foram encontrados 11 artigos científicos sobre os jornais brasileiros, publicados nos últimos cinco anos após busca pelas palavras-chave: “jornalismo+suicídio”; “comunicação+suicídio”; “mídia+suicídio”.

simbólica (Miranda, 2020). Logo, verifica-se uma violência correlacionada quando, após sofrer violência midiática, oriunda das mídias sociais e do perfil da Choquei, Jéssica se suicida. Nota-se, ainda, a presença de aspectos oriundos do gênero, visto que o peso de um “suposto” vazamento de uma conversa privada é maior para a mulher do que para o homem em uma sociedade patriarcal e misógina (Moterani; Carvalho, 2016). O caso demonstra a complexidade que envolve o suicídio, de maneira a relevar ainda o histórico médico da jovem que chegou a relatar nos sites de redes sociais sua luta em relação à saúde mental (Ferreira, 2023).

OTOQUE EM NORMAS E ORIENTAÇÕES DE COBERTURA MIDIÁTICA

Na etapa do toque, voltamos a atenção para as premissas editoriais e as recomendações de cobertura jornalística/midiática para este acontecimento. Como já discutido, no jornalismo, falar sobre o suicídio foi por muito tempo ligado a um tabu, evidenciando um apagamento nos noticiários (Abreu, 2021). Essa política não era exclusiva do Brasil. Em Portugal, o Manual de Jornalismo (Grandim, 2000, p. 118) defendia que “o jornalista deve recusar-se a noticiar suicídios, excepto quando estes ocorrerem em locais públicos, e sejam já do conhecimento da comunidade em geral”.

Contudo, a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014) diz que é uma obrigação social da mídia tratar do assunto, que é de saúde pública. Abordar o tema de forma adequada “[...] não aumenta o risco de uma pessoa se matar; ao contrário, é fundamental dar informações à população sobre o problema, onde buscar ajuda etc.” (Suicídio, 2014, p. 14). Apesar de pesquisas apontarem para a veracidade do efeito contágio (Ferreira; Reis, 2020; Preventing, 2023), reforça-se também a importância de se educar jornalisticamente e providenciar guias, já que a presença midiática do suicídio é inevitável em uma sociedade midiaticizada (Gould; Jamieson; Romer, 2003).

Para cada suicídio consumado, cerca de cinco ou seis pessoas próximas são afetadas nos vieses emocionais, sociais e econômicos (Oliveira; Botega, 2006). A visibilidade concedida pela mídia pode aumentar esse sofrimento por causa da perda da privacidade, além de se constituir enquanto uma segunda violência à pessoa, caso a cobertura seja feita num viés sensacionalista e sem o cuidado ético que o assunto exige. No entanto, uma cobertura que preserve a identidade do sujeito, respeite a privacidade das pessoas próximas e que seja voltada a tratar o suicídio como um problema de saúde pública que pode ser prevenido, pode contribuir para desmitificar o tema e fazer com que o assunto, com vistas à prevenção, seja mais presente nas conversas cotidianas.

Em uma análise documental (Moreira, 2005) envolvendo manuais de jornalismo brasileiros, verifica-se que tais documentos têm concedido maior abertura para essa segunda perspectiva (Quadro 2).

Quadro 2 – Premissas editoriais para cobertura jornalística de suicídios

Documento orientador	Orientação para a cobertura jornalística
Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias (Barbeiro; Lima, 2013).	Noticia-se o suicídio como um fato social qualquer, não se dando a ele dimensão maior do que o acontecimento, e não se deve jamais transmitir um acontecimento desses ao vivo. [...] não há comprovação científica de que a divulgação de suicídios possa incentivar atentados contra a vida, mas o respeito ao ser humano também faz parte dos limites do jornalismo (p. 8).
Manual da Redação – Folha de S.Paulo (2007).	Quando da publicação de notícia sobre a morte de um personagem, não omita nunca a sua causa. Esta, no entanto, só deve ser publicada se o jornal estiver seguro a seu respeito. Também não omita o suicídio quando ele for a causa da morte de alguém (p. 85).
Manual da Redação: As normas de Escrita e Conduta do Principal Jornal do País – Folha de S.Paulo (2018).	[...] Não omita a causa da morte do personagem que seja objeto da notícia. Em caso de suicídio, contudo, não descreva o método utilizado (p. 229).
Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (Martins Filho, 1997).	Se uma pessoa conhecida se suicidou, a notícia deve revelá-lo ao leitor, também para que este não receba a informação pela metade. Em qualquer relato de morte, o mínimo que se quer saber é de que maneira ou em que circunstâncias ela ocorreu: Doença? Acidente? Suicídio? Por mais doloroso que seja o fato, evite disfarçá-lo (p. 120).
Princípios Editoriais do Grupo Globo (2011)	Não há menção ao suicídio.
Somente a verdade: Manual de Jornalismo da EBC (2013).	As causas da morte, quando se trata de suicídio, só serão noticiadas caso a significação e relevância do fato ultrapassem o âmbito privado. Sua divulgação depende de anuência da Direção de Jornalismo. Outras abordagens são aceitas quando reportam o tema sob a perspectiva de saúde pública, conforme preconiza a Organização Mundial da Saúde (OMS) – abordando fatores causais e as políticas preventivas (p. 48).

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Apesar da menção à cobertura envolvendo o suicídio na maioria dos documentos, não há um aprofundamento sobre como deve ser a produção noticiosa. A descrição sobre as políticas de produção de notícias sobre o assunto nesses manuais não ultrapassa um parágrafo – o que é preocupante. No caso do Grupo Globo, os cuidados sequer são mencionados. Há também uma divergência sobre as normas: no Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias e nos manuais da Folha de S.Paulo, há uma orientação em relação à necessidade de cobertura de casos de suicídio, mas sem mencionar como fazê-la. Os manuais da Empresa Brasil de Comunicação e do Estado de São Paulo delimitam a cobertura às ocorrências que transcendem a esfera privada. Em termos temporais, visualiza-se que o efeito no tempo e as consequentes transformações sociais não atuam na revisão das políticas. Ao comparar, por exemplo, a edição do manual da Folha de S.Paulo de 2007 e 2018, mesmo com 11 anos de intervalo, a política editorial é praticamente a mesma.

Alguns exemplos positivos sobre a formulação de políticas mais efetivas para lidar com o assunto são evidenciados em iniciativas estrangeiras. O The Guardian (Editorial, 2023), por exemplo, possui orientação mais prática sobre as técnicas que devem ser seguidas e evitadas na produção das notícias. Elas incluem evitar especulações que pareçam sugerir um único e simples motivo para o suicídio, já que muitas vezes os fatores que levam ao suicídio são complexos; evitar usar imagens que possam funcionar como gatilhos, como, por exemplo, locais onde ocorreram suicídios ou cicatrizes de cortes; respeitar e considerar os sentimentos de parentes; e inserir um parágrafo com os contatos do serviço público de apoio às pessoas com comportamentos suicidas (Editorial, 2023). A BBC possui uma política semelhante, orientando que tais acontecimentos devem ser retratados com sensibilidade, evitando divulgar os métodos de suicídio e de

automutilação⁵. Também chama atenção para o local do acontecimento: caso possa fornecer elementos que inspirem outras pessoas a repetirem o ato, deve ser evitado – ou, em último caso, levada a questão para os editores-chefes (Guidelines, c2023).

Ainda no contexto do Reino Unido e da Irlanda, a instituição de prevenção ao suicídio Samaritans, em conjunto com jornalistas e pesquisadores, elaborou o Media Guidelines for Reporting Suicide (Media, 2020). O documento tem sido empregado por jornais desses países, como o Telegraph & Argus e o The Guardian, como uma referência de condutas e práticas a serem adotadas na cobertura de suicídios. O guia pode ser abordado em três instâncias: a primeira, de caráter científico, que levanta o que já se sabe sobre o suicídio por meio da pesquisa científica. A segunda trata-se de um incentivo a reflexões pessoais por parte dos jornalistas, estimulando uma atitude altruísta e sensível na cobertura dessas ocorrências.

A terceira instância lida com recomendações direcionadas à produção da notícia envolvendo a tentativa, o suicídio e a automutilação. Entre elas estão: não mencionar os métodos utilizados para o suicídio; incluir a menção de que o suicídio pode ser prevenido e onde/como buscar ajuda; ter um cuidado especial nos casos de jovens, pois são os mais vulneráveis, evitando repetir idade, mostrar fotografias, adentrar na história pessoal e divulgar mensagens deixadas pela pessoa que morreu; não mostrar locais públicos e privados que possuem alta taxa de incidência de suicídio; evitar o uso de ao menos sete expressões que são, de forma equivocada, frequentemente utilizadas pela imprensa, como “cometer” e “vítima” de suicídio (Media, 2020).

O relatório também enfatiza que jornalistas e comentaristas podem desempenhar um importante papel, tanto na prevenção como no aumento de casos de suicídio. Afirma-se que há evidências internacionais de que as reportagens e representações da mídia sobre o suicídio podem ser influentes: as práticas deficientes podem causar mais perdas de vidas, especialmente em grupos mais vulneráveis, como os jovens e as pessoas com saúde mental frágil. Em uma via oposta, a abordagem cuidadosa e responsável pode contribuir para a prevenção. Essas perspectivas também são mencionadas pelo relatório Preventing suicide: a resource for media professionals (2023), que, baseado em mais de 100 trabalhos científicos, relata que reportagens com pessoas que enfrentaram dificuldades em suas vidas e conseguiram superá-las, inclusive os pensamentos suicidas, são associadas a pequenas reduções das ideias suicidas do público vulnerável. Logo, defende que a mídia pode exercer um papel educativo (Preventing, 2023).

Outro aspecto positivo da iniciativa do grupo Samaritans foi atentar para o fato de como fatores regionais também devem ser considerados na cobertura midiática. Outra mobilização voltada para a cobertura midiática envolvendo o suicídio é o Reporting on Suicide, que envolveu, além de pesquisadores e profissionais do campo da Saúde, escolas de jornalismo e associações de mídia e jornalistas de países do ocidente. O projeto afirma que noticiar cuidadosamente o suicídio pode mudar percepções, dissipar mitos e informar o público sobre as complexidades da questão, resultando, também, na busca de ajuda quando incluem recursos úteis e mensagens de esperança e recuperação (Reporting, 2023).

DO POUSO AO RECONHECIMENTO ATENTO: O CASO JÉSSICA CANEDO

Para refletir sobre a cobertura jornalística envolvendo o suicídio, esta pesquisa realizou dois pousos (Rosário; Coca, 2018) em um caso de alta repercussão midiática no Brasil, que articulou desinformação e falta de responsabilidade por parte do perfil Choquei no Instagram e o suicídio de Jéssica Canedo.

Os pousos constituem o foco para o reconhecimento atento, em que buscamos voltar a atenção para refletir sobre a cobertura jornalística do caso. Para isso, foram realizadas coletas⁶ de notícias em nove

⁵ A automutilação é um comportamento autolesivo, mas diferencia-se do suicídio por ser praticado sem intenção de morte (Quesada, 2020).

⁶ A coleta foi realizada via mecanismo de busca de cada portal através das seguintes palavras-chave: “suicídio”, “Jessica”, “Jessica Canedo”, “Whindersson” e “Choquei”.

portais jornalísticos que também possuem outros veículos informativos de alta circulação no país, como jornais impressos. São eles: Daqui, Estado de Minas, Extra, Folha de S.Paulo, g1 (nacional), O Estado de S. Paulo, O Globo, O Tempo e Zero Hora.

O primeiro pouso consiste em verificar o que e como foi noticiado o caso no período que antecede o suicídio de Jéssica, visto que, dias antes de sua morte, ela divulgou vídeos e mensagens no Instagram relatando problemas com sua saúde mental e dizendo que não aguentava mais o que estava passando. Sua mãe também reforçou esses comportamentos. Tais conteúdos já evidenciam um comportamento suicida (Botega *et al.*, 2005) – demandando um cuidado jornalístico ao lidar com o acontecimento. No entanto, neste pouso não foi encontrada nenhuma notícia nos portais selecionados. Tal resultado nos faz refletir sobre o porquê de não haver cobertura, mesmo o caso registrando o envolvimento de uma celebridade, o humorista Whindersson Nunes, e ter possuído alta repercussão nas redes. Uma hipótese é de que, se o suicídio for um assunto delicado de se tratar pelo campo jornalístico, a dificuldade será ainda maior diante dos comportamentos suicidas e do papel das redes sociais.

O segundo pouso é dedicado à coleta de notícias no período pós-suicídio, compreendendo o período de um mês após a morte de Jéssica, portanto, entre os dias 22 de dezembro de 2023 e 21 de janeiro de 2024. Assim, foram encontradas 51 matérias. Para o reconhecimento atento, foi formulada o Quadro 3, que sistematiza as orientações e as contraindicações para o tratamento jornalístico e midiático contendo suicídios, com base nos documentos e estudos identificados nas etapas do toque e rastreio. Também consideramos o estudo de Mendes, Vianna e Felix (2022), que propõe um conjunto de recomendações complementares às propostas da OMS. Essa sistematização consiste em indicadores analíticos, concedendo base para a reflexão das notícias selecionadas.

Quadro 3 – Sistematização das orientações na cobertura de acontecimentos ligados ao suicídio e de comportamentos suicidas

Orientações	Contraindicações
Fornecer informações sobre onde e como procurar ajuda para comportamentos suicidas, inclusive em casos de automutilação.	Citar os métodos utilizados para o suicídio. Publicar também detalhes do local, principalmente quando se tratar de lugares com alta incidência de suicídio.
Educar o público com informações sobre o suicídio e sua prevenção, com base em dados confiáveis e que lidem em corrigir mitos que podem levar a um comportamento imitativo. Incluir entrevistas com especialistas da Saúde.	Usar linguagem/conteúdo sensacionalista, que romantiza ou normaliza o suicídio, ou que apresenta como uma solução viável para problemas.
Relatar histórias sobre como lidar com os estresses cotidianos e os pensamentos suicidas, fornecendo testemunhos e relatos de experiências de pessoas que já passaram e superaram essas situações. Tentar desenvolver elementos de identificação entre essas pessoas e o público que possa ter comportamentos suicidas.	Posicionar notícias sobre suicídio como manchetes ou destaques nos jornais, além de realizar suites envolvendo outros suicídios – promovendo, assim, a rememoração dos casos.
Ter cuidado ao entrevistar amigos e familiares de pessoas que se suicidaram, principalmente em casos recentes. Evitar falar sobre a forma como o suicídio foi cometido e rememorar o acontecimento.	Simplificar demais o motivo do suicídio ou reduzi-lo a um único fator, excluindo, ainda, fatores oriundos da interseccionalidade.
Buscar realizar a cobertura a partir de editorias como Saúde/Ciência, Variedades, Cultura e Comportamento, ao invés de se limitar a Geral/Cidades. Evitar inserir na temática de Polícia, principalmente em caso de suicídio sem violências correlacionadas.	Usar fotografias, vídeos filmagens, gravações de áudio ou links de mídia digital ou social, principalmente quando atreladas ao suicídio (local, depoimentos feitos antes do suicídio etc.). No caso de usar fotos de pessoas anônimas, é preciso solicitar autorização à família.
No caso do jornalismo on-line, desativar a função de comentários. Evitar cobertura de suicídios em formato de <i>lives</i> , com o intuito de minimizar uma eventual linguagem sensacionalista.	Publicar cartas de quem se suicidou ou mesmo vídeos e conteúdos deixados em mídias sociais.

Fonte: elaboração dos autores, com base em Preventing (2023) Mendes; Vianna e Felix (2022), Abreu (2021), Editorial (2023), Media (2020), Reporting (2023); Suicídio (2014).

Em relação à contextualização da coleta do terceiro pouso, as 51 matérias encontradas apresentam temas que vão desde o anúncio do suicídio de Jéssica, perpassando pela investigação policial, à necessidade de regulação das plataformas de mídia e textos opinativos. Verifica-se, portanto, que o efeito contágio não foi um impeditivo para o tratamento jornalístico do acontecimento após o suicídio de Jéssica, colaborando, de forma inicial, com estudos que apontam para a necessidade de o jornalismo incluir o assunto em sua agenda (Editorial, 2023; Media, 2020; Suicídio, 2014). Porém, é preciso destacar que um dos motivos de o fato se tornar tão amplo é o envolvimento de Whindersson Nunes, uma figura pública. O valor-notícia **celebridade** (Harcup; O'Neill's, 2001), logo, pode ser visto como um catalisador da cobertura, pois foi recorrente a menção e publicação da imagem de Whindersson, além de seu nome estar presente no título de nove notícias.

Em atenção aos indicadores do Quadro 3, em todas as notícias foram identificadas lacunas. Em apenas 11 notícias há informações sobre onde e como procurar ajuda em caso de comportamentos suicidas, geralmente expressas por uma nota final com o número de telefone do Centro de Valorização da Vida (CCV), associação referência no Brasil para prevenção ao suicídio. Todos os portais se mostraram deficientes neste tópico, sendo que nos jornais Daqui, Extra, Folha de S. Paulo, g1 e O Globo nenhuma das matérias publicadas possuía orientação.

Em atenção ao potencial educativo, com a menção de informações sobre o suicídio e sua prevenção, em cinco notícias houve esse tratamento, por meio de entrevistas com profissionais da saúde e da abordagem de temas que afetam jovens nas redes sociais, como o *cyberbullying* e suas consequências. Apesar da baixa incidência de matérias educativas, 14 notícias tentam promover uma reflexão sobre as consequências das chamadas **redes de desinformação** ou da atuação de **jornais não oficiais**. Na Folha de S. Paulo, sete notícias foram publicadas neste sentido, a maior parte por meio de columnistas. Nesses espaços opinativos há uma condenação explícita das redes sociais no suicídio de Jéssica. Um exemplo é a crítica da nota de defesa da Choquei, que a isentava do ocorrido, e no apontamento para a necessidade de uma maior responsabilização desses atores midiáticos, como visto em “Choquei não faz jornalismo, o que não o isenta de parte da culpa pela morte de Jéssica”, de Tony Goes, publicado em 25 de dezembro.

Outro indicador analisado foi se as matérias incluem relatos de histórias a respeito de como lidar com estresses cotidianos e os pensamentos suicidas, podendo incluir entrevistas e testemunhos que ajudassem outras pessoas a superarem comportamentos suicidas. Em apenas cinco notícias, dos portais Folha de S. Paulo (1), g1 (1) e Zero Hora (3), foi identificada essa estratégia de prevenção, a maioria entrevistas com psicólogos. Em nenhuma há testemunho de alguém que passou por situações delicadas e que poderia servir como exemplo de que é possível superar pensamentos suicidas (Preventing, 2023). Porém, foram observadas reportagens que não tratavam de prevenção ao suicídio em si, mas de como lidar com situações semelhantes ao que Jéssica e PC Siqueira⁷ viveram, a chamada cultura do cancelamento – fenômeno que se manifesta a partir das plataformas digitais, que consiste em uma mobilização massiva, visando repudiar o comportamento de determinada figura, o que resulta em relevantes perdas (Cordeiro; Martins, 2022). Em “O que fazer se for cancelado nas redes sociais? Especialistas dão dicas”, publicada no Estado de S. Paulo em 9 de janeiro, há inclusão de testemunhos de pessoas que foram canceladas e entrevistas com profissionais da saúde para discutir os efeitos e o que fazer nessas situações.

Uma constatação positiva é que nenhuma notícia revelou detalhes sobre como e onde ocorreu o suicídio. No entanto, sete matérias trazem algum tipo de violação em relação às entrevistas com pessoas próximas a Jéssica ou a ela mesma. Duas delas foram veiculadas pelo O Tempo, que publicou depoimentos da mãe, concedidos a uma afiliada da RecordTV de Minas Gerais, poucos dias após o suicídio. Os relatos detalham a

⁷ PC Siqueira, Paulo Cezar Goulart Siqueira, foi um apresentador brasileiro, dono de um canal de vídeos de alta popularidade. Ele foi acusado de pedofilia, mas o caso nunca foi comprovado. Mesmo assim, foi vítima do ódio nas plataformas de redes sociais. PC Siqueira suicidou-se no dia 27 de dezembro de 2023.

angústia e o comportamento de Jéssica diante da circulação dos conteúdos e do convívio com a depressão, além de demonstrar o sofrimento da mãe em um momento de alta sensibilidade pela perda recente da filha, evidenciando, por parte de O Tempo, um possível desrespeito ao sentimento de parentes próximos (Editorial, 2023).

Em relação à editoria em que as notícias foram inseridas, constata-se que nenhuma faz parte da Policial, evitando, portanto, a relação direta do suicídio com um crime. Em algumas matérias, o caso teve uma abordagem policial não pelo suicídio em si, mas por envolver uma investigação por parte da Polícia Civil, que buscava averiguar a responsabilidade de sites e perfis de redes sociais. O acontecimento teve sua presença nas editorias de Famosos, Opinião, Política, Cultura, Economia, Celebidades, Entretenimento, Blogs, Comportamento e Saúde. Todavia, verificou-se que em 15 notícias o acontecimento foi relatado em editorias genéricas e amplas, como as de Nacional (4), Brasil (7), Cidades (3) e Geral (1), contrariando as orientações de cobertura de Mendes, Vianna e Felix (2022). Destaca-se aqui o fato inusitado de se noticiar um suicídio em editorias de Cultura, Entretenimento e Celebidades, mostrando que a morte de Jéssica em si não era o fator noticioso central.

Em 22 matérias os comentários estavam ativados, em desacordo com as orientações da OMS e do Samaritans (Media, 2020; Preventing, 2023). Em algumas notícias, como na intitulada “Após morte de jovem, ministro dos Direitos Humanos diz que regulação das redes é ‘imperativo civilizatório’”, publicada pelo g1 em 24 de dezembro, foram registrados 1.068 comentários. Nos portais O Tempo e Extra, em todas as notícias estava habilitada a ferramenta de comentários. No Zero Hora e no Estado de Minas, não estava disponível em nenhuma matéria. De maneira geral, entre todos os comentários, verifica-se uma condenação da página Choquei pelo público e uma polarização política da discussão, principalmente quando a notícia tratava da regulação para as plataformas de mídia – deixando para segundo plano, nos comentários, o suicídio. Também foram encontrados comentários que banalizavam as doenças mentais (Figura 1).

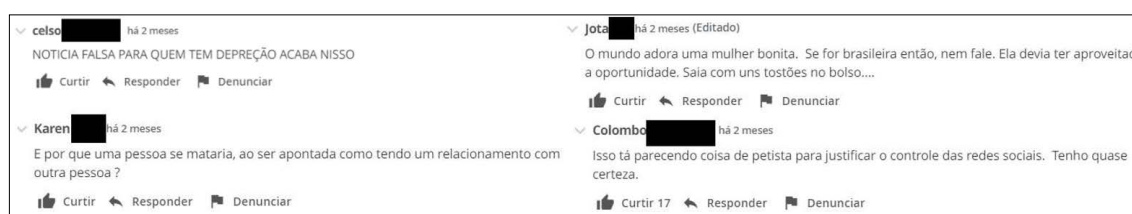


Figura 1 – Comentários em notícia sobre suicídio
Fonte: extraído pelos autores do portal g1, 2023.

Em relação à divulgação da imagem de Jéssica, em 20 notícias foi inserida sua foto, em uma provável reprodução do conteúdo de sua rede social particular. Somente os portais Zero Hora e Daqui preservaram a imagem da garota em todas as suas matérias. As fotos que acompanhavam as demais notícias eram semelhantes, traziam Jéssica, uma mulher jovem, branca e de cabelos lisos, com expressão alegre. O guia orientador do Samaritans (Media, 2020) alerta que os jovens são mais suscetíveis ao efeito contágio, e, por isso, a cobertura de suicídio envolvendo esse público deve ser feita de modo a evitar a repetição do uso de fotografias. Todavia, em três portais, a imagem de Jéssica foi utilizada de maneira repetitiva, a saber: Estado de Minas (2), g1 (5) e O Tempo (6). Além do mais, os portais do Extra (1), Folha de S. Paulo (1) e O Globo (2) publicaram falas de Jéssica ditas na véspera de sua morte, permitindo, novamente, a geração de identificação por parte de pessoas que passam por situação semelhante. A inclusão deste tipo de testemunho contraria as recomendações de organizações de Saúde e jornalísticas, que orientam evitar a divulgação de mensagens e os motivos que levaram alguém ao suicídio (Media, 2020; Preventing, 2023).

Na análise, também foram considerados os cinco elementos de estudo do discurso de Machin e Mayr (2013), com o intuito de compreender como a responsabilidade da mídia é retratada, além do modo como acontece a construção noticiosa do suicídio.

Em todas as notícias há uma discussão, mesmo que implícita, sobre a responsabilidade da mídia no suicídio de Jéssica, principalmente no caso de perfis que publicam informações falsas em plataformas de rede social. O perfil da Choquei é o principal acusado, apesar de ser frequente a menção de que outros perfis e sites também divulgaram o conteúdo, além dos usuários que atacaram Jéssica. Alguns portais, como o Daqui, chegam a denominar o acontecimento como Caso Choquei. Outro culpado frequente no discurso jornalístico, mesmo que não seja personificado e que se constitui enquanto significado implícito, é atribuído às *fake news*. É comum a expressão associada a Jéssica, como sendo **vítima de fake news**. Houve um debate acerca da necessidade de regulação das plataformas de mídia, principalmente a partir de falas do ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvío Almeida, que afirmou ser a regulação das redes sociais um “*imperativo civilizatório*”. Essa menção culminou na politização do suicídio de Jéssica, que nos comentários das notícias associava a fala do ministro como sendo uma estratégia da esquerda para censurar a mídia (Figura 1).

Em algumas matérias, principalmente nas publicadas pelo jornal O Tempo e Daqui, há a supressão da palavra suicídio. No lugar, são utilizadas expressões como “tirou a vida” ou mesmo a palavra “morte”, notando-se o uso frequente de eufemismos. Essa constatação remonta à dificuldade histórica de o jornalismo lidar com o suicídio ou com determinados tipos de mortes (Abreu, 2021; Fensterseifer; Gomes, 2019). O silêncio nas matérias de alguns portais demonstra um despreparo do jornalismo – já que a cobertura do suicídio pode ser realizada de maneira ética e educativa, conforme apontado por organizações de Saúde e prevenção.

Em atenção às oposições estruturais (Machin; Mayr, 2013), há uma demarcação no discurso, mesmo que implícita, que separa o jornalismo profissional do “não jornalismo”, oriundo de sites e perfis semelhantes à proposta da Choquei. Também se constata uma oposição entre bem (Jéssica, sua mãe e Whindersson) e mal (Choquei e os usuários de redes sociais). Apesar de os discursos de ódio contra Jéssica terem sido proferidos por usuários de redes sociais, principalmente do Instagram, o encarregado pela Choquei acaba sendo apontado como principal responsável pelo caso – tanto que é contra ele que a Polícia Civil investigava um suposto crime de indução ao suicídio (Brasil, 2019). Em escala semelhante, há também uma responsabilização dos usuários, não na esfera criminal, mas por meio de reportagens e textos opinativos que tratavam sobre *cyberbullying* (Zero Hora) e cultura do cancelamento (Estado de S. Paulo). Nota-se que a mídia tradicional se coloca como isenta de responsabilidade no caso e também nas outras problemáticas discutidas, como a circulação de notícias falsas.

A construção do suicídio de Jéssica varia conforme as matérias. No entanto, são comuns dois cenários: 1) o suicídio como consequência das *fake news*: neste caso, não há qualquer menção ao longo dos discursos sobre a complexidade que é o suicídio, como os fatores atrelados à depressão, idade e sociedade. Assim, perde-se o potencial educativo, pois há uma simplificação excessiva sobre o que levou à morte de Jéssica; 2) o suicídio como um conjunto de fatores: neste grupo, as matérias trazem de maneira explícita que Jéssica possuía depressão. Muitas vezes, essa informação era atrelada à menção de que sua mãe havia postado um vídeo nos sites de redes sociais explicando sobre a saúde mental da jovem. Na matéria “Ministros de Lula defendem responsabilização de plataformas após morte de jovem em meio a fake news sobre Whindersson”, de O Globo, de 24 de dezembro, uma fala da Ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, traz um elemento de interseccionalidade, ao dizer que a misoginia nas redes sociais fazia mais uma vítima. Ambos os cenários demonstram como a área da Comunicação constitui-se enquanto uma esfera importante da prevenção do suicídio (e sua possível indução).

A OMS (Preventing, 2023) orienta a supressão da palavra **vítima** para se referir às mortes oriundas de suicídio. Nas 51 notícias, a palavra vítima não foi utilizada desta forma. Seu uso foi frequente para associar Jéssica como sendo vítima das *fake news*, de discursos de ódio oriundos das redes sociais e de sites que

compartilharam as conversas falsas. No entanto, a partir da constatação de que as notícias apontam que o suicídio ocorreu após a jovem passar por diversos ataques, indaga-se, como significado implícito e no campo dos sentidos, a impossibilidade de dissociar Jéssica enquanto **vítima** de suicídio como ato criminal induzido por terceiros (Brasil, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orizoma cartográfico constituído nesta pesquisa articulou conexões entre pesquisas da área da Comunicação e documentos oriundos de organizações da Saúde e do campo profissional do Jornalismo, tencionando suas abordagens com os pousos nas coberturas midiática e jornalística sobre o suicídio de Jéssica Canedo. De forma geral, a pesquisa identificou que o suicídio é um acontecimento problemático para o jornalismo – não só no presente, mas também no passado. A maioria das orientações para promover uma cobertura mais educativa, ética e com potencial de prevenção não foi identificada nas matérias que compuseram a análise.

Em vias de conclusão, são possíveis três considerações finais. A primeira consiste em ser preciso assumir, por parte das organizações jornalísticas e das instâncias formativas, que o suicídio é um acontecimento cotidiano e demanda profissionais capacitados para sua cobertura.

A segunda é que o suicídio é complexo e, apesar de muitas matérias reduzirem sua ocorrência no caso Jéssica Canedo como consequência apenas das *fake news*, sua incidência envolve saúde mental e outros fatores socioculturais, que, em uma abordagem interseccional, pode trazer novos olhares ao tema. Em uma sociedade misógina como o Brasil, o impacto das conversas falsas, de cunho pessoal, foi maior para Jéssica, uma mulher anônima, do que para Whindersson, um homem famoso – mesmo que ele tenha dito, em maio de 2023, que sofria de depressão de maneira recorrente.

Uma terceira ponderação é que as plataformas de redes sociais trazem novos desafios para as abordagens midiática e jornalística do suicídio. Tanto pelo perigo de esses espaços serem ocupados por discursos de ódio, como pela possibilidade de dar visibilidade aos comportamentos suicidas e ao próprio suicídio. Se antes o efeito contágio era uma precaução, e justificativa, para o jornalismo não cobrir o suicídio, agora é difícil “fechar os olhos” para algo que se torna público sem a ação jornalística – o que reforça a necessidade de repensar e refletir sobre as práticas profissionais neste contexto.

Em março de 2024, após o período de análise, a Polícia Civil concluiu a investigação sobre o caso, dizendo que foi a própria Jéssica quem teria produzido e divulgado os *prints* da conversa falsa (Reis; Ferreira, 2024). O anúncio enriquece a tecitura da cartografia, enquanto processo investigativo contínuo, apontando caminhos para novas investigações. Entretanto, é preciso pontuar que a conclusão do inquérito não isenta as condutas dos perfis que compartilharam os conteúdos falsos e dos usuários que proferiram discursos de ódio. A própria Jéssica, após a ampla circulação dos *prints* e dias antes do suicídio, disse que nunca havia conversado com o Whindersson, algo que foi reiterado pelo humorista. Ademais, aponta para uma falha da mídia em não apurar a veracidade do conteúdo, que de fato era falso; e o despreparo de parte do jornalismo na cobertura de acontecimentos sobre suicídio.

Além do mais, o caso abordado trouxe para o debate público a necessidade de responsabilizar as grandes plataformas de mídia pelo conteúdo replicado em suas redes. Apesar de muito se falar da responsabilidade do perfil Choquei, pouco foi dito sobre a participação da Meta, responsável pelo Instagram, ou mesmo sobre o papel das mídias tradicionais. A omissão das plataformas de mídia, que poderiam ter mecanismos mais eficazes para combater discursos de ódio e a circulação de desinformação, além de poder auxiliar na prevenção do suicídio, também deve ser discutida sem que haja uma politização do tema, como ocorreu nos comentários das notícias que abordaram a regulação das plataformas de mídia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista de. A morte editorializada: morrer, verbo intransitivo – discursos e referenciais sociais na imprensa brasileira. **Liinc em Revista**, Brasília, DF, v. 17, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5769>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Suicídio: informando para prevenir**. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, 2014.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Rodolfo. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 52-75.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio; MONARI, Ana Carolina. “13 Reasons Why”: o debate sobre o suicídio à tona na mídia brasileira. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10677>. Acesso: 16 ago. 2024.
- BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.
- BOTEGA, Neury *et al.* Comportamento suicida na comunidade: fatores associados à ideação suicida. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-53, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000900014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/kctwjTfZh4rDqxNZjNCW9wh>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- BRAGA, Luiza; DELL’AGLIO, Débora. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002. Acesso em: 16 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 26, 1 out. 2013. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN12013.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.968, de 26 dezembro de 2019. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para modificar o crime de incitação ao suicídio e incluir as condutas de induzir ou instigar a automutilação, bem como a de prestar auxílio a quem a pratique. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 250, p. 2, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13968.htm. Acesso em: 16 ago. 2024.
- CORDEIRO, Ana Paula; MARTINS, Tamires de Assis Lima. A “cultura do cancelamento”: contribuições de um olhar sociológico. **Extraprensa**, São Paulo, v. 15, n. Especial, p. 29-47, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.194383>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/194383>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- CORONAVIRUS Death Toll. **Worldometer**, 2024. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/coronavirus-death-toll/>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- EDITORIAL code of practice and guidance. **Guardian News & Media**, The Guardian, Londres, 2023. Disponível em: https://uploads.guim.co.uk/2023/07/27/GNM_editorial_code_of_practice_and_guidance_2023.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.
- FENSTERSEIFER, Liza; GOMES, Tamara. Assim na terra como no céu: apontamentos acerca de construções discursivas sobre o suicídio, difundidas pelo jornalismo mineiro, de 1920 a 1940. **Pretextos**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 322-241, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18681>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FERREIRA, Raquel; REIS, Kaippe. Evidências entre mídia e suicídio: efeito contágio das produções jornalísticas e ficcionais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 633-643, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i3.1932>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1932>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FERREIRA, Yuri. Caso Choquei: entenda a notícia falsa apontada como causa de morte de Jéssica Canedo. **Portal Fórum**, [s. l.], 23 dez. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/12/23/caso-choquei-entenda-noticia-falsa-apontada-como-caoa-de-morte-de-jessica-canedo-151028.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação**: As normas de Escrita e Conduta do Principal Jornal do País. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação**: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2007.

GOULD, Madelyn; JAMIESON, Patrick; ROMER, Daniel. Media contagion and suicide among the young. **American Behavioral Scientist**, [s. l.], v. 46, n. 9, p. 1269-1284, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0002764202250670>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002764202250670>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GRANDIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade de Beira Interior, 2000.

GUIDELINES. **BBC**, Londres, c2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/editorialguidelines/guidelines>. Acesso em: 13. jan. 2024.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What is news? Galtung and Ruge revisited. **Journalism Studies**, [s. l.], v. 2, 2001, p. 261-280. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616700118449>. Acesso em: 19 ago. 2024.

HESSMAN, Julia *et al.* Análise das notícias de suicídio na cidade de Ponta Grossa/PR no período de 2017 a 2021. **Revista Caribeña de las Ciências Sociales**, Miami, v. 12, n. 4, p. 1924-1937, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55905/rcssv12n4-025>. Disponível em: <https://www.revistacaribena.com/ojs/index.php/rcss/article/view/2856>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LOPES, Eduarda; FINGER, Cristiane. Femicídio seguido de suicídio: a organização da mídia na prestação de serviço para evitar casos das violências correlacionadas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 94-111, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i1.3477>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3477>. Acesso em: 19 ago. 2024.

MACHIN, David; Andrea, MAYR. **How to do critical discourse analysis**: a multimodal introduction. 2. ed. New York: SAGE, 2023.

MARTINS FILHO, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3a ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MEDIA Guidelines for Reporting Suicide. **Samaritans**, Ewell, 2020. Disponível em: https://media.samaritans.org/documents/Media_Guidelines_FINAL.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

MENDES, Larissa; VIANNA, Antônio; FELIX, Carla. A imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 454-474, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18568/cm.v19i56.2592>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2592>. Acesso em: 19 ago. 2024.

MIRANDA, Cynthia Mara. Reflexões conceituais sobre vulnerabilidade: violência simbólica e midiática a partir do enfoque de gênero. In: MIRANDA, Cynthia Mara *et al.* (org.). **Vulnerabilidades, narrativas e identidades**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020, p. 131-151.

MONARI, Ana Carolina; BERTOLLI FILHO, Claudio. Entre o debate público e o silêncio: análise da cobertura jornalística online sobre a questão do suicídio de adolescentes e jovens negros no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 754-767, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1853>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1853>. Acesso em: 19 ago. 2024.

MOREIRA, Sonia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

MOTERANI, Geisa Maria; CARVALHO, Felipe. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão história e psicanalítica. **Averso do avesso**, Araçatuba, v. 14, n. 14, p. 167-178, 2016. Disponível em: https://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v14_artigo11_misoginia.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

OLIVEIRA, Carlos; BOTEGA, Neury (org.). **Prevenção do Suicídio**: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

PREVENTING suicide: a resource for media professionals. **World Health Organization**, Genebra, 12 set. 2023. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/372691/9789240076846-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PRINCÍPIOS Editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 12 jan. 2024.

QUESADA, Andrea (org.). **Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio**: orientações para educadores e profissionais da saúde. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

REIS, Gabriel; FERREIRA, Michele. Polícia conclui que Jéssica Canedo criou e divulgou montagem de conversa com Whindersson Nunes. **g1 Triângulo e Alto Paranaíba**, Araguari, 06 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2024/03/06/policia-conclui-que-jessica-canedo-criou-e-divulgou-montagem-de-conversa-com-whindersson-nunes.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2024.

REPORTING on suicide. Recommendations for Reporting on Suicide. **Reporting On Suicide**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://reportingonsuicide.org>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ROSÁRIO, Nísia Martins; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, n. 41, p. 34-48, 2018. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol19n41.5481>. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5481. Acesso em: 19 ago. 2024.

SCARDOELLI, Anderson. Além do Choquei: saiba quem são os donos dos outros perfis que disseminaram boato sobre Jéssica Canedo e Whindersson Nunes. **Revista Oeste**, [s. l.], 30 dez. 2023. Disponível em: <https://revistaeste.com/brasil/alem-do-choquei-saiba-quem-sao-os-donos-dos-outros-perfis-que-disseminaram-boato-sobre-jessica-canedo-e-whindersson-nunes/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SOMENTE a verdade: manual de jornalismo da EBC. Brasília, DF: EBC, 2013.

SUICIDE. **World Health Organization**, Genebra, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TELLES, Marcio; ASSUMPÇÃO, Dora. Pesquisa Bibliográfica na Comunicação: a leitura do campo e sua problemática. *In*: WOTTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia (org.). **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 144-156.

VIANA, Luana; VILELA, Ivan. Jornalismo em Debate: a ética jornalística no caso Cancellier discutida pela Rádio Ponto UFSC. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana, v. 10, n. 2, p. 49-68, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/3998>. Acesso em: 19 ago. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO launches new resources on prevention and decriminalization of suicide**. Genebra, WHO, 12 set. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/12-09-2023-who-launches-new-resources-on-prevention-and-decriminalization-of-suicide>. Acesso em: 13 jan. 2024.